

PROGRAMA



29 de março

15h00 **Visita de Estudo**

"Nova" Lisboa Oriental – Parque Expo

Maria Teresa Bispo

Departamento de Património Cultural - CML

30 de março

09h30 **Receção dos participantes**

10h00 **Sessão de Abertura**

Fernando Egídio Reis

Diretor Geral da Educação - MEC

José Lucas

Vice Presidente do Conselho Diretivo da Casa Pia de Lisboa

Emília Sande Lemos

Presidente da Associação de Professores de Geografia

10h30 **Conferência de Abertura**

"A (não) Cultura do Território: importância da Geografia para uma cidadania ativa"

Margarida Pereira

e-Geo - Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional/UNL

11h30 **Visita Guiada ao Museu do Centro Cultural Casapiano**

12h00 **Almoço livre**

14h00 **Comunicação**

A Geografia escolar através dos tempos

Sérgio Claudino

CEG - Centro de Estudos Geográficos / IGOT

14h30 **Painel**

A Geografia na escola

Felisbela Martins

Faculdade de Letras, Universidade do Porto

Herculano Cachinho

CEG - Centro de Estudos Geográficos / IGOT

Luísa Ucha da Silva

Escola Secundária José Gomes Ferreira

15h45 **Comunicação**

A Geografia nas provas nacionais

Hélder de Sousa

GAVE – Gabinete de Avaliação e Educação

16h15 **Pausa para café**

16h30 **Workshops “A Geografia nos currículos”**

Que conceitos estruturantes para a Geografia no 3º Ciclo?

Ana Cristina Câmara

Associação de Professores de Geografia

A Geografia no Ensino Secundário – Que mudanças?

Emília Sande Lemos

Associação de Professores de Geografia

31 de março

09h00 **Conclusões das workshops “A Geografia nos currículos”**

10h30 **Pausa para café**

11h15 **A Quinta do Arrife como ambiente de aprendizagem**

Rui Cordeiro da Eira

Casa Pia Lisboa – Centro de Educação Desenvolvimento Francisco Margiochi

12h00 **Conferência de Encerramento**

Gonçalo Ribeiro Telles

Arquiteto Paisagista

13h00 **Sessão de Encerramento**

Emília Sande Lemos

Associação de Professores de Geografia

14h45 **Visita de Estudo**

Av. Da Liberdade – pedy paper geográfico

Maria Helena Magro

Associação de Professores de Geografia

Bastidores do Centro Comercial Colombo

José Manuel Galvão

Centro Comercial Colombo

RESUMOS



Conferência de Abertura

"A (não) Cultura do Território: importância da Geografia para uma cidadania ativa"

Margarida Pereira

e-Geo - Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional/UNL

O mundo turbulento e incerto gerado pela globalização induziu nas últimas décadas profundas reconfigurações territoriais, da escala mundo à escala local. Nesses processos de apropriação e reapropriação multi-escalar, o território tendeu a ser visto e tratado como suporte das políticas sectoriais e não como referencial de desenvolvimento, integração e identidade das respectivas comunidades. Em consequência, as desigualdades persistem e os problemas territoriais diversificam-se, mesmo nos países desenvolvidos. Apesar das orientações formais, com carácter indicativo ou até vinculativo, que se multiplicam por parte de entidades supra-nacionais ou nacionais para uma gestão sustentável do território, as práticas revelam que este, enquanto recurso escasso, sensível e fundamental ao exercício da soberania de um povo, nem sempre tem sido tratado de forma adequada. A reflexão proposta tem como condição de partida a interiorização de uma cultura do território, onde este é entendido como um património colectivo, quer pela gestão pública quer no exercício da cidadania. A Geografia, enquanto ciência do território, dispõe de conceitos, métodos e instrumentos capazes de identificar e interpretar as mudanças, criando condições para uma intervenção cívica responsável, reivindicativa e cooperante, na construção de compromissos solidários para o futuro. Para defender esta perspectiva, a argumentação apoia-se em três ideias-chave: o território como recurso colectivo, o conhecimento geográfico como suporte para a cidadania, a cultura do território como âncora de uma sociedade desenvolvida.

Palavras-chave: geografia, território, cultura do território, apropriação, cidadania, desenvolvimento.

Comunicação

A Geografia escolar através dos tempos

Sérgio Claudino

CEG - Centro de Estudos Geográficos / IGOT

Propomos-nos abordar aqui, fundamentalmente, a relação da Geografia com as restantes disciplinas, desde a sua institucionalização no sistema do ensino público do século XIX. Se em relação aos *textos visíveis* do currículo Cuesta-Fernández (1997), programas e manuais escolares, se possui uma informação razoável, o mesmo não se pode afirmar sobre as práticas escolares quotidianas no ensino de Geografia.

Para o enciclopedista Diderot (1751), a Geografia era subsidiária da História e *filha* da Astronomia. Assumida esta filiação, não surpreenderá que, em 1836, ao criar o ensino liceal, Passos Manuel tenha instituído uma disciplina que compreendia "A Geografia, a Cronologia, e a História". Esta associação de saberes disciplinares prolonga-se até à reforma de 1886, na disciplina de Geografia e História. Contudo, não estamos a falar de uma disciplina em que se

entrosam os diferentes saberes, antes onde se justapõem: há manuais de Geografia (onde se aborda igualmente a Cosmografia), como os há de História. Na distribuição de docentes do Liceu de Lisboa, nos anos 70, e sem prejuízo de uma investigação mais aprofundada, identificámos mesmo a atribuição do ensino de História e de Geografia a docentes diferentes.

Os anos 70 do século XIX são igualmente marcados pela afirmação institucional da Geografia no plano institucional e pela reivindicação da autonomia do seu ensino em relação à História: em 1871 realiza-se o primeiro Congresso Internacional de Geografia (com uma designação mais alargada) e em 1875 o 2º Congresso, onde se apela a um ensino individualizado da disciplina. Esta reivindicação tem eco em Portugal, através da Sociedade de Geografia de Lisboa: no seu 1º Parecer, de 29 de novembro de 1876, precisamente sobre o ensino da Geografia, solicita-se a autonomia do ensino da disciplina. Tal não é contemplado nas reformas de 1880 e de 1886, mas sim na de 1888, com programas aprovados no ano seguinte. O ensino de geografia concentra-se num único ano; a justificação desta autonomia, que não tem paralelo em países como a França, cujo sistema educativo nos inspira, encontra-se no esforço de “concentração e simplificação” disciplinar, mas mais claramente na relevância do estudo das colónias (Claudino, 2011). Portugal tem um vasto império, designadamente em África, mas os portugueses continuam a preferir emigrar para o Brasil, pelo que urge fazer a apologia dos territórios africanos. Esta individualização da disciplina de Geografia regista avanços e recuos e logo na reforma de 1894/95, o ensino de Geografia e de História são de novo associados. Contudo, a autonomia disciplinar passa a ser a norma – o que também se observa no ensino primário.

No final do século XIX e começo do XX, a Geografia sofre a influência das correntes naturalistas, recentrando-se o seu estudo nas relações dos grupos humanos com a natureza, com desvalorização da dimensão política, social e económica - e, de uma forma geral, assiste-se à desvalorização curricular do ensino de Geografia. Em 1930, o ensino de Geografia é incluído numa disciplina de Ciências da Natureza nos dois primeiros anos liceais, o que também é justificado pela redução do número de professores, subsistindo a disciplina de geografia nos restantes. Em 1931, permanece a associação nas Ciências da Natureza nos primeiros anos e torna a ser associada a Geografia à História nos três anos subsequentes (3º, 4º e 5º). Em 1936, é criada a disciplina de Ciências Geográficas-Naturais, do 1º ao 3º ano liceal; o ensino autónomo de Geografia fica limitado ao último ano liceal, numa disciplina de Ciências Geográficas em que poucos nos reconhecemos quanto aos seus conteúdos.

A educação geográfica é fortemente revalorizada após a 2ª Grande Guerra, no que pode ser interpretado como um aproveitamento nacionalista da disciplina, tendo também presente a necessidade de propagandar a causa colonial. No 1º ciclo liceal, subsiste a disciplina de Ciências Geográficas-Naturais nos dois primeiros anos, em paralelo com a de Língua e História Pátria, claramente a disciplina de maior valor ideológico. A disciplina de Geografia surge nos restantes níveis. Pela falta de docentes, os professores de Ciências Naturais são obrigados a leccionar a disciplina de Geografia.

A única grande reforma posterior ao Estatuto Liceal, de 1947, ocorre em 1968, com a criação do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário. Com a guerra colonial em três frentes, institui-se a disciplina de História e Geografia de Portugal, de forte pendor ideológico. A partir de 1972, sob

o impulso de Veiga Simão, Ministro da Educação conhecido pelas suas tentativas de inovação educativa, é implementada, a título experimental, uma disciplina de Introdução às Ciências Humanas, que torna a reunir os ensinamentos de Geografia e História. Esta experiência tem continuidade, de alguma forma, na de Introdução às Ciências Sociais, após a revolução de 1974, para além da disciplina de Ciências do Ambiente, que associa a Geografia à Biologia. A partir de 1975/76, desdobra-se a disciplina de História e Geografia de Portugal em Estudos Sociais, no 1º ano, e História de Portugal, no 2º ano. Os professores de Geografia estão completamente arredados desta disciplina, que tem continuidade na de História e Geografia de Portugal, instituída em 1991. A disciplina de Geografia é de novo retomada nos currículos a partir de 1977/78, nos primeiros planos curriculares definitivos posteriores a 1974.

A reforma curricular de 1989, para além de se retomar a disciplina de História e Geografia de Portugal, tem a novidade de criar uma área de Ciências Humanas e Sociais, onde se agrupam as disciplinas de História e de Geografia – o que na altura mereceu pouca atenção, perante a contestação à supressão da disciplina no 8º ano. No Ensino Secundário, a par da disciplina de Geografia, surge a de Introdução ao Desenvolvimento Económico e Social, cuja docência é partilhada com os professores de Economia. A reorganização curricular de 2001 retoma, no 3º ciclo, retoma as Ciências Humanas e Sociais, mas atribui uma carga curricular conjunta às duas disciplinas, que assim as dividirão entre si. No ensino secundário, a reforma de 2004 institui a disciplina de Geografia em todos os níveis.

Num relance sobre a informação atrás descrita, podemos constatar:

- a) a disciplina de Geografia tem uma assinalável tradição de autonomia em Portugal, o que contrasta com a situação de países que nos servem habitualmente de modelo educativo, como a França. Em grande medida, esta autonomia prende-se com a valorização ideológica da disciplina na defesa de um importante império colonial.
- b) do ponto de vista dos programas, esta autonomia surge pela primeira vez em 1888, mas ela recua ao segundo quartel do século XIX, se tivermos em conta a individualização dos respetivos manuais escolares e, mesmo, dos conteúdos nos programas publicados a partir de 1872;
- c) a associação curricular dominante tem sido com a História, ainda hoje patente na área curricular de Ciências Humanas e Sociais. Contudo, no século XX, foi igualmente relevante a associação com as Ciências Naturais;
- d) a criação de disciplinas “alternativas” (Introdução às Ciências Humanas, Ciências Sociais, Introdução ao Desenvolvimento Económico e Social) prende-se em grande medida com a procura de discursos escolares inovadores.

A Geografia acaba por surgir como uma disciplina com uma presença curricular assinalável desde o século XIX, mas igualmente vulnerável perante o poder político. Em grande medida, a valorização educativa que lhe for reconhecida irá condicionar a sua consagração curricular.

Painel

A Geografia na escola

A Geografia na Escola: elementos de reflexão para a renovação da sua prática

Herculano Cachinho

CEG - Centro de Estudos Geográficos / IGOT

Nesta intervenção procede-se a uma breve reflexão sobre a natureza da geografia que, na nossa perspectiva, deveria enformar o seu ensino e aprendizagem nas escolas básicas e secundárias. Sendo hoje a principal missão da escola fornecer aos jovens a formação adequada à sua integração plena na sociedade, e a capacitação para o exercício de uma cidadania activa e responsável, é nossa convicção que os professores durante a escolaridade obrigatória mais do que ensinarem geografia deveriam educar geograficamente. Numa sociedade moldada pela mudança permanente do conhecimento disciplinar, a relevância social da geografia tem-se transferido progressivamente para os valores e as competências instrumentais, interpessoais e sistémicas, capacitadoras da inserção das pessoas no mundo em que vivem, nas suas múltiplas escalas geográficas, que vão do bairro de residência ao lugar mais recôndito do planeta.

Esta mudança ao nível do papel que se espera que a geografia escolar desempenhe na formação dos jovens coloca importantes desafios aos professores, ao nível da suas práticas pedagógicas. Na realidade, os reptos lançados aos professores por estas mudanças são tanto conceptuais como metodológicos. Assim, no quadro desta reflexão gostaríamos de dirigir brevemente a nossa atenção para quatro questões, que nos parecem fundamentais, tendo em vista a exploração do potencial educativo da geografia e a afirmação da sua relevância social:

- Independentemente dos temas que possam ser objecto de abordagem ao longo dos diferentes anos de escolaridade, a geografia escolar deve centrar-se sobretudo nas questões e nos conceitos chave que conferem identidade à ciência geográfica;
- Tendo em vista a exploração eficaz do seu potencial educativo, a geografia escolar deve ser acima de tudo um fórum orientado para o questionamento e a problematização do real, assim como para a transmissão de valores, que se afiguram universais;
- A geografia escolar deve ser uma prática operatória que, mediante o uso de metodologias activas coloque os alunos do centro do processo de ensino-aprendizagem; faça dos mesmos actores e autores das suas aprendizagens;
- Embora a geografia esteja intimamente ligada ao presente, é fundamental que a sua prática nas escolas não descure o futuro. O mundo que nos espera será dominado pela tecnologia e a informação, bem como por uma economia competitiva e interconectada. Para viver neste mundo de forma confortável serão necessários elevados níveis de literacia e competência espaciais, que todos os jovens necessitam adquirir.

Geografia na Escola: encarando o futuro.

Felisbela Martins

Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

GEGOT – Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território

As Orientações Curriculares de Geografia concebidas segundo as linhas de força da Reorganização Curricular de 2001 conferiram aos professores de Geografia a capacidade de as gerir de acordo as escolas e o contexto em que estavam inseridas. Configuradas de uma forma muito menos prescritiva do que os programas até então em vigor visam uma abordagem prática da disciplina, de modo a que os alunos aprendam a observar, a fazer e a relacionar os fenómenos, de uma forma dinâmica através de exemplos concretos da realidade a diferentes escalas. Visam uma abordagem no sentido de levar os alunos a pesquisar e a identificar fenómenos a várias escalas, com o fim de os pôr a pensar o espaço local, regional e mundial em que vivem apontando soluções para os problemas do mundo contemporâneo.

Neste contexto esta comunicação procura dar conhecimento de um estudo que tem vindo a ser realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto sobre práticas desencadeadas por professores. E estas práticas desenvolvidas leva-nos a questionar sobre que Geografia está a ser ensinada nas Escolas e que Geografia deve ser ensinada nas Escolas. Leva-nos a pensar que caminhos há ainda a percorrer, em especial junto dos professores, agora que a sua formação inicial é conferida por uma formação pós-graduada acoplada com o Ensino da História.

Comunicação

A Geografia nas provas nacionais

Hélder de Sousa

GAVE – Gabinete de Avaliação e Educação

A comunicação **A Geografia nas provas nacionais**, partindo de uma análise multidimensional dos resultados das provas de exames nacionais (EN) e de testes intermédios (TI), pretende contribuir para um melhor conhecimento dos diferentes níveis de sucesso das ações pedagógicas desenvolvidas pelos professores, tendo em conta os desempenhos evidenciados pelos alunos.

Como nota prévia, refiram-se as limitações que uma análise de resultados de provas de papel e lápis, aplicadas em contextos muito específicos, apresentam. Os resultados ilustram apenas o desempenho dos alunos no preciso momento em que realizam cada prova e estão marcados pelos inúmeros condicionalismos ambientais, pessoais, formais inerentes ao aluno, ao momento de aplicação da prova, à sua natureza específica e à qualidade da intervenção técnica de quem a classifica: ou seja, dispomos apenas uma «*frame*» de um filme que, em boa verdade, é constituído pelo somatório dos momentos formais e informais em que os alunos são expostos à aprendizagem da Geografia.

Nesta comunicação foram considerados os resultados das provas da 1.ª e da 2.ª fases dos EN do ensino secundário de 2006 a 2011 e ainda os resultados dos TI de 2011 e 2012, aplicados no 9.º ano de escolaridade. No que se refere à dimensão territorial da distribuição dos resultados, foram considerados os resultados dos EN da 1.ª fase de 2010 e 2011 e os resultados dos TI de 2011 e 2012. Apresenta-se uma análise crítica da evolução dos resultados médios nacionais da série de provas consideradas, refletindo-se sobre a validade dos mesmos como medida instrumental para tomadas de decisão em matérias como a gestão curricular ou a didática da disciplina. Num outro nível de análise, recorre-se aos resultados por item (a partir dos indicadores «percentagem da cotação média em relação à cotação total» e, em certos casos, «percentagem de alunos com a cotação máxima»). Estabelecendo relações entre os resultados de cada item e os temas/subtemas dos programas a que estes dizem respeito, a tipologia dos itens, a complexidade das operações mentais implícitas no item (verbo de comando) e ainda, em casos específicos, a natureza dos documentos de suporte (textos, tabelas, gráficos, mapas), é possível identificar e contextualizar com maior precisão o grau de sucesso das ações pedagógicas desenvolvidas pelos professores, seja para concluir da necessidade de fazer ajustamentos curriculares específicos, seja para repensar as práticas e procedimentos adotados na sala de aula. Por último, apresenta-se uma análise da distribuição espacial dos resultados, ilustrando as desigualdades de desempenho dos alunos de Geografia ao nível nacional, sendo ainda possível identificar diferenças e semelhanças em relação ao padrão de distribuição espacial dos resultados da generalidade das disciplinas.

COMO CHEGAR



Centro Cultural Casapiano



Mosteiro
dos
Jerónimos

Centro
Cultural
Casapiano

Como Chegar

Autocarros Carris:

727 (Roma/Areiro – Restelo),
729, 714 (Outorela – Praça da Figueira)
751 (Estação de Campolide - Linda-a-Velha)
28 (Portela de Sacavém – Restelo) Passa na
estação do Oriente, Santa a Apolónia, Praça
do Comércio, Cais do Sodré, Estação de
Belém e tem uma paragem mesmo na Rua
dos Jerónimos)

Elétrico Carris:

15 (Praça da Figueira – Algés)

Comboio:

Estação de Belém (linha de Cascais)

Barco:

Estação fluvial de Belém

Automóvel:

GPS 38° 41' 57.92'' N ; 9° 12' 21.76'' O
OU

Quando estiver entre os Pastéis de Belém e os
Jerónimos, Suba! ☺

Linha de Sintra:

Amadora – Autocarro 113 (Vimeca, TT)
Cacém – Autocarro 144, 149 (Vimeca, TT)

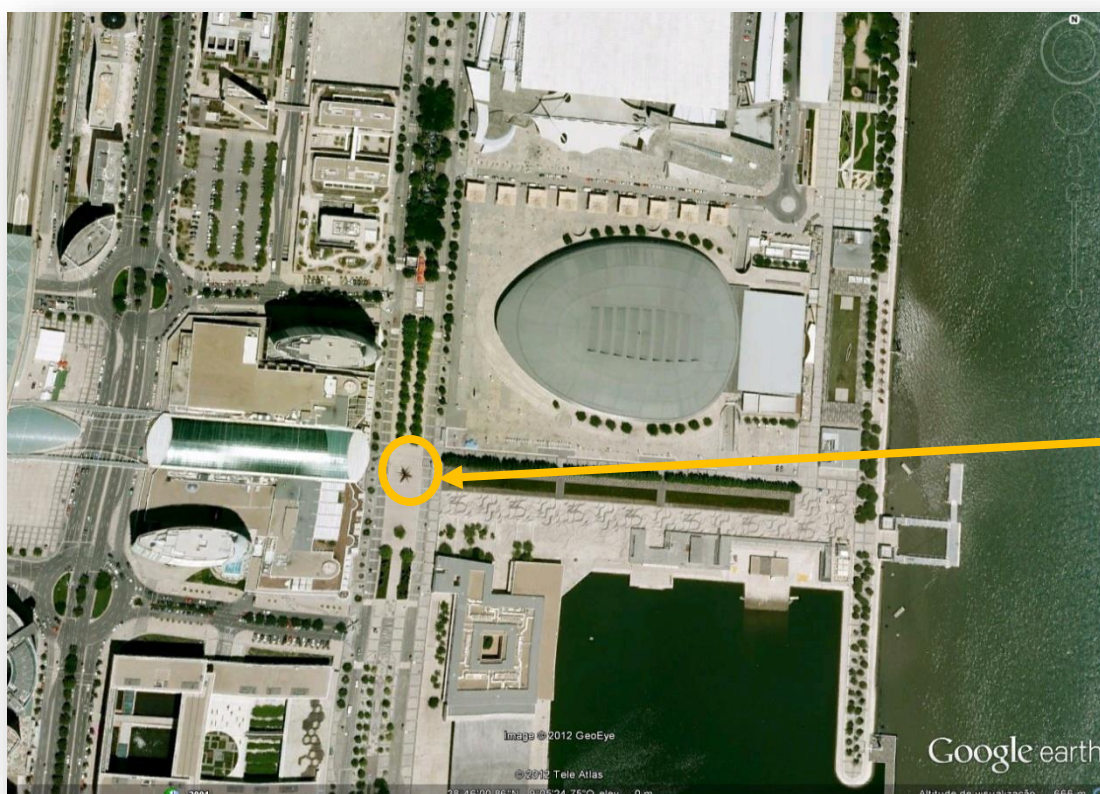
Margem Sul:

Barco Terreiro Paço ou Cais do Sodré e depois
autocarro ou elétrico

Norte:

Comboio Estação do Oriente ou Santa
Apolónia e depois autocarro 28.

Visita de Estudo “Nova” Lisboa Oriental 29 de março



Ponto
de
Encontro

Como Chegar

Horas:
15 h 00

Ponto de Encontro:
Junto à peça do Jorge Vieira “Homem-sol”
(em frente à entrada do Vasco da Gama que está virada para o rio).

Comboio e Metro (Linha Vermelha):
Estação do Oriente

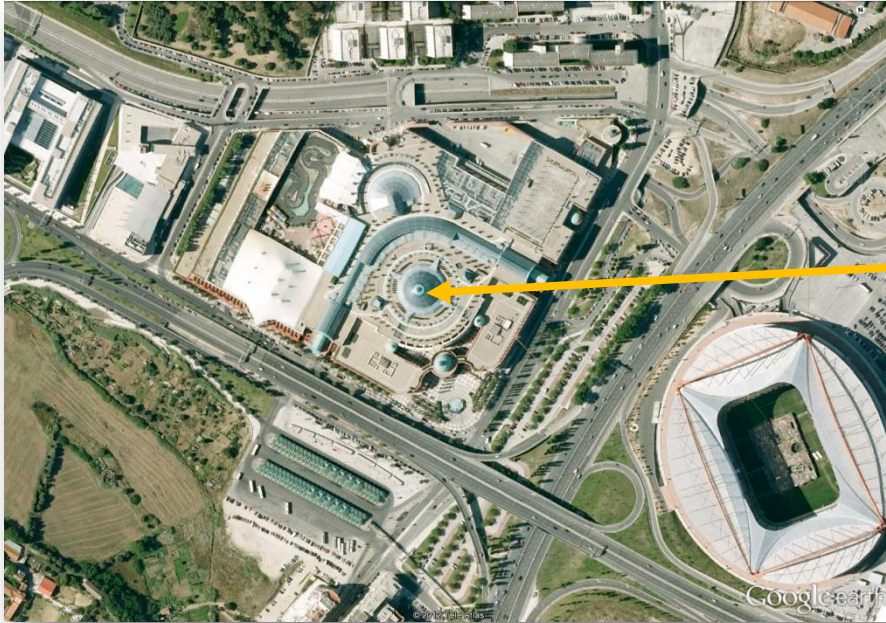
Automóvel:
GPS 38° 46'03.23'' N ; 9° 05'44.79'' O



Visita de Estudo

Centro Comercial Colombo

31 de março



Centro
Comercial
Colombo

Como Chegar

Horas:

14 h 45

Ponto de Encontro:

Centro Comercial Colombo
Praça Central – Piso 0

Início da Visita:

Administração do Centro Comercial Colombo (1º Piso)

Autocarro:

Carris: 750,799,767

Rodoviária de Lisboa: 203,205,210,222,223,228

Lisboa Transportes/Vimeca: 128,163,101,132,142,117

Metro (Linha Azul):

Estação – Colégio Militar/Luz

Automóvel:

GPS 38° 45' 15.91'' N ; 9° 11' 18.60'' O

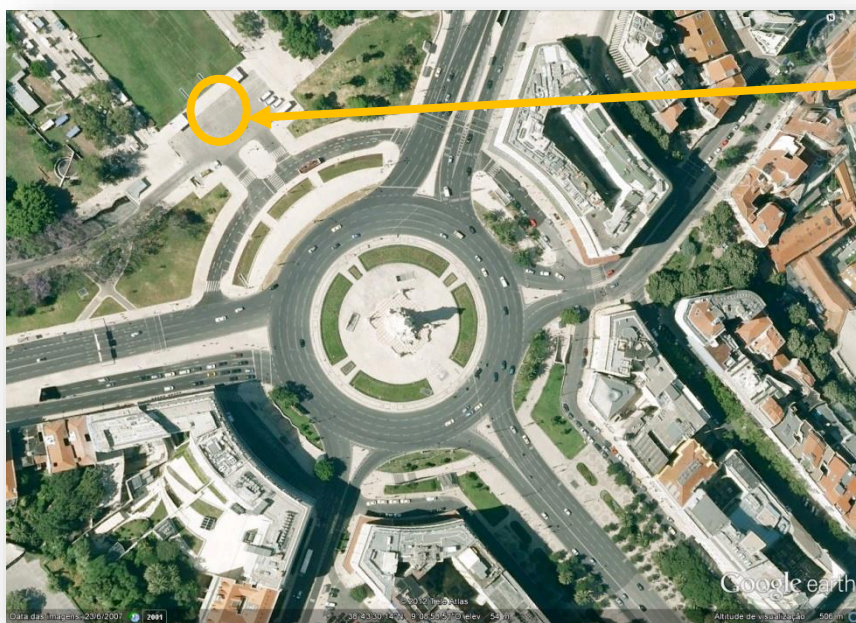
ou

Acessos por: 2º Circular, Eixo Norte-Sul, IC19, CRIL, Av. Pontinha, Av. Lusíada

Avenida da Liberdade

Peddy-Paper Geográfico

31 de março



Ponto
de
Encontro

Como Chegar

Horas:

14 h 45

Ponto de Encontro:

Atrás da Estátua do Marquês e/ou ao fundo do Parque

Metro (Linha Azul e Linha Amarela):

Marquês de Pombal

Automóvel:

GPS 38° 43' 34.58'' N ; 9° 09' 03.22'' O

LISTA DE PARTICIPANTES



Participantes

Alexandre de Carvalho Macedo
Ana Cristina Câmara
Ana Cristina Chaves Alfarela
Ana Cristina Nunes da Silva Lagoa
Ana Paula Martins da Silva Vitorino
Ana Paula Vilhena Nogueira
Anabela Freire de Almeida Acha
Anabela Gonçalves Pateira Romano Moreira
Andreia Isabel da Cunha Baião
Áurea de Fátima Pinto Ferreira Souto
Célia Beatriz Soares Rodrigues Alves
Emília Sande Lemos
Fernanda Maria Veiga Gomes
Fernando Manuel Pelicano Gomes
Maria Helena Esteves Lobo
Helena Margarida Matos Marques
Helena Maria de Abreu Silva Bernardo
Henrique Manuel de Oliveira Martins
Ilda Loureiro Martinho Bicacro
Isabel Amorim Costa
Isabel Maria P. Azevedo Damião
Isabel Pinto Ginjeira
Isabel Maria Belo Gomes
Isabel Maria de Almeida Ferreira
Isabel Maria de Sousa Rodrigues
Joana Maria do Couto Matos
João Rafael Nunes
José Manuel Pisco Barroso
Lecília Conceição Gancho Maio
Lídia Maria Tofes Colaço
Lígia Teresa Mendonça de Almeida Vieira
Ludgero Filipe Nabais Brioa
Luís Filipe Gonçalves Mendes
Luisa Maria Soares da Costa Santos
Manuel Clara Simões

Maria Abilia Queirós Leite Domingues
Maria Alexandra da Conceição Amador
Maria Alice Correia Alves Cardoso
Maria de Fátima Capelo
Maria de Fatima da Silva Brito Lopes
Maria de Fátima Gonçalves Carvalheiro
Maria de Jesus A. dos Santos Duarte Raposo
Maria Emilia Padinha Brito
Maria Fernanda Rodrigues Barbosa Barros
Maria Filomena Moraes Ferreira Clemente
Maria Georgina Piteira Espenica
Maria Helena Magro
Maria João M. L. F. Guimarães Lobato
Maria João Marques Gaspar
Maria José de Fátima Diz Alves
Maria Laurinda Pacheco de Castro
Maria Leonor Magalhães de Carvalho
Maria Luisa Alves
Maria Manuela Neves Graça Pereira
Maria Rogélia Pereira Costa
Maria Teresa Ferreira Campos
Maria Vitória Albuquerque
Paula Maria Simona Ferreira
Paulo Jorge Traquino Ferreira
Pedro Carlos Mateus Alves Damião
Pedro Miguel Monteiro Serrano
Ricardo Manuel Lopes Cipriano
Sandra Maria Carvalho Mendes
Sandra Marisa Freitas da Costa
Susana Maria Polena Pacheco
Suzel Carmo Guerreiro Nogueira
Telma Alexandra Canavilhas
Vicência Gancho do Maio

Convidados

Maria Teresa Bispo
Fernando Egídio Reis
José Lucas
Margarida Pereira
Sérgio Claudino
Felisbela Martins

Herculano Cachinho
Luísa Ucha da Silva
Hélder de Sousa
Rui Cordeiro da Eira
Gonçalo Ribeiro Telles
José Manuel Galvão

Visitas de Estudo

29 de março

“Nova” Lisboa Oriental

Ana Cristina Chaves Alfarela
Ana Paula Vilhena Nogueira
Áurea de Fátima Pinto Ferreira Souto
Emília Sande Lemos
Isabel Amorim Costa
Isabel Maria de Almeida Ferreira
Isabel Maria de Sousa Rodrigues
Isabel Maria P. Azevedo Damião
Isabel Pinto Ginjeira
Joana Maria do Couto Matos
José Luís Albuquerque
Lígia Teresa Mendonça de Almeida Vieira
Luisa Maria Soares da Costa Santos
Maria de Fátima Gonçalves Carvalheiro
Maria Filomena Morais Ferreira Clemente

Maria Helena Esteves Lobo
Maria Helena Magro
Maria João M. L. F. Guimarães Lobato
Maria João Marques Gaspar
Maria José de Fátima Diz Alves
Maria Laurinda Pacheco de Castro
Maria Leonor Magalhães de Carvalho
Maria Luisa Alves
Maria Rogélia Pereira Costa
Maria Teresa Ferreira Campos
Maria Vitória Albuquerque
Ricardo Manuel Lopes Cipriano
Rodrigo Damião
Sandra Marisa Freitas da Costa

31 de março

Centro Comercial Colombo

Ana Cristina Câmara
Ana Paula Martins da Silva Vitorino
Célia Beatriz Soares Rodrigues Alves
Emília Sande Lemos
Helena Margarida Matos Marques
Henrique Manuel de Oliveira Martins
Ilda Loureiro Martinho Bicacro
Isabel Maria Belo Gomes
Isabel Pinto Ginjeira
José Luís Albuquerque
Maria Alexandra da Conceição Amador
Maria Alice Correia Alves Cardoso

Maria de Jesus A. dos Santos Duarte Raposo
Maria Emilia Padinha Brito
Maria Fernanda Rodrigues Barbosa Barros
Maria Leonor Magalhães de Carvalho
Maria Manuela Neves Graça Pereira
Maria Rogélia Pereira Costa
Maria Vitória Albuquerque
Paula Maria Simona Ferreira
Pedro Carlos Mateus Alves Damião
Telma Alexandra Canavilhas

Workshops “A Geografia nos currículos”

Que conceitos estruturantes para a Geografia no 3º Ciclo?

Alexandre de Carvalho Macedo
Ana Cristina Câmara
Ana Cristina Chaves Alfarela
Ana Cristina Nunes da Silva Lagoa
Ana Paula Martins da Silva Vitorino
Andreia Isabel da Cunha Baião
Fernanda Maria Veiga Gomes
Helena Margarida Matos Marques
Henrique Manuel de Oliveira Martins
Ilda Loureiro Martinho Bicacro
Isabel Maria de Almeida Ferreira
Isabel Maria de Sousa Rodrigues
Joana Maria do Couto Matos
Lídia Maria Tofes Colaço
Luísa Ucha da Silva
Luisa Maria Soares da Costa Santos
Manuel Clara Simões
Maria Abília Queirós Leite Domingues

Maria Alexandra da Conceição Amador
Maria de Fatima da Silva Brito Lopes
Maria de Fátima Gonçalves Carvalheiro
Maria de Jesus A. dos Santos Duarte Raposo
Maria Emilia Padinha Brito
Maria Fernanda Rodrigues Barbosa Barros
Maria Georgina Piteira Espenica
Maria Jose de Fátima Diz Alves
Maria Manuela Neves Graça Pereira
Paula Maria Simona Ferreira
Pedro Carlos Mateus Alves Damião
Ricardo Manuel Lopes Cipriano
Rui Cordeiro da Eira
Sandra Maria Carvalho Mendes
Sandra Marisa Freitas da Costa
Telma Alexandra Canavilhas
Vicência Gancho do Maio

A Geografia no Ensino Secundário – Que mudanças?

Ana Paula Vilhena Nogueira
Anabela Freire de Almeida Acha
Anabela Gonçalves Pateira Romano Moreira
Áurea de Fátima Pinto Ferreira Souto
Célia Beatriz Soares Rodrigues Alves
Emília Sande Lemos
Helena Maria de Abreu Silva Bernardo
Isabel Amorim Costa
Isabel Maria Belo Gomes
Isabel Maria P. Azevedo Damião
Isabel Pinto Ginjeira
João Rafael Nunes
José Manuel Pisco Barroso
Lecília Conceição Gancho Maio
Lígia Teresa Mendonça de Almeida Vieira
Ludgero Filipe Nabais Brioa
Luís Filipe Gonçalves Mendes

Maria Alice Correia Alves Cardoso
Maria de Fátima Capelo
Maria Filomena Morais Ferreira Clemente
Maria Helena Esteves Lobo
Maria Helena Magro
Maria João M. L. F. Guimarães Lobato
Maria João Marques Gaspar
Maria Laurinda Pacheco de Castro
Maria Leonor Magalhães de Carvalho
Maria Rogélia Pereira Costa
Maria Teresa Ferreira Campos
Maria Vitória Albuquerque
Paulo Jorge Traquino Ferreira
Pedro Miguel Monteiro Serrano
Susana Maria Polena Pacheco
Suzel Carmo Guerreiro Nogueira

WORKSHOPS



Workshops “A Geografia nos currículos”

Que conceitos estruturantes para a Geografia no 3º Ciclo?

O atual programa de Geografia do 3º Ciclo (Orientações Curriculares) foi estruturado por competências e apresenta as situações de aprendizagem que contextualizam os conceitos. Neste programa foram definidos seis unidades temáticas mas nele não consta nenhuma listagem de conceitos estruturantes e/ou noções básicas.

No sentido de facilitar o trabalho da workshop apresentamos uma lista de conceitos que resulta de uma:

1. Consulta dos programas
1º Ciclo - Estudo do Meio (ME, 1990)
2º Ciclo – História e Geografia de Portugal (ME,1999)
3º Ciclo – Orientações Curriculares de Geografia (ME,2000)
2. Experiência profissional
Ensino da Geografia no 3º Ciclo
Co-autoria das Orientações de Curriculares de Geografia
3. Consulta de manuais escolares
Os conceitos que aparecem definidos em pelo menos 4 manuais escolares em vigor.

Nesta discussão deveremos ter em consideração que alguns (muitos) dos alunos não darão continuidade ao estudo da Geografia no Ensino Secundário. Daí que é fundamental que disponham dos conceitos básicos a um raciocínio geográfico indispensável a uma cidadania plena.

A Terra: Estudos e Representações

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações
Descrição da paisagem		x	Paisagem			
			Elemento Natural			
			Elemento Humano			
			Unidade de paisagem			
			Dinamismo			
			Multifuncionalidade			
			Esboço			
			Observação directa e indirecta			
	x	x	Património			

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações	
Mapas como formas de representar a superfície terrestre		x	Escala (numérica e gráfica)				
		x	Legenda				
			Fonte / Título / Orientação				
		x	Mapa				
		x	Planta				
		x	Globo				
		x	Planisfério				
		x	Atlas				
			Fotografia aérea				
			Imagem de satélite				
		x	Meridiano				
		x	Paralelo				
		x	Equador				
			Projeção cartográfica				
		x	NUT				
		x	x	Concelho			
		x	x	Freguesia			
	x	x	Distrito				

Notas / Observações: _____

A Terra: Estudos e Representações

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações
Localização dos diferentes elementos da superfície terrestre	x	x	Orientação			
			Localização relativa			
	x	x	Rosa-dos-ventos			
	x	x	Pontos cardeais			
			Pontos colaterais			
			Localização absoluta			
			Coordenadas geográficas			
			Círculo máximo			
			Círculo menor			
			Paralelo			
			Semimeridiano			
			Latitude			
			Longitude			
	x	x	Altitude			
		x	Hemisfério			
		x	Continente			
	x	x	Oceano			
		x	Meridiano de referência			
x	x	Itinerário				

Notas / Observações: _____

O Meio Natural

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações
Clima e formações vegetais	x		Estado de tempo			
			Situação meteorológica			
			Clima			
	x	x	Temperatura			
			Humidade			
	x		Nuvens			
	x		Nevoeiro			
			Temperatura Média Anual (ATA)			
			Amplitude Térmica Anual (ATA)			
			Gradiente térmico vertical			
	x	x	Precipitação			
	x		Chuva			
	x		Neve			
	x		Granizo			
	x		Orvalho			
	x		Geadas			
			Precipitação Total Anual (PTA)			
			Chuvas orográficas			
			Chuvas convectivas			
			Chuvas frontais			
			Regime pluviométrico			
		x	Mês seco			
	x	x	Vento			
	x		Estações do ano			
			Exposição solar			
			Factor de clima			
		x	Zonas climáticas			
			Isotérmicas			
			Isobáricas			
			Pressão atmosférica			
			Anticiclone			
			Ciclone			
			Floresta			
			Floresta Equatorial			
			Floresta Tropical			
			Floresta de Coníferas			
			Floresta Caducifolia			
			Savana			
			Deserto			
		Estepe e pradaria				
		Tundra				
		Maqui e garrigue				

O Meio Natural

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações
Relevo	x	x	Planície			
	x	x	Planalto			
	x	x	Montanha			
		x	Cordilheira			
			Erosão			
			Declive			
	x	x	Vale	x		
			Cume e cumeada			
			Vertente			
			Leito			
			Talvegue			
			Meandro			
			Planície aluvial			
	x		Curso de água			
	x	x	Rio			
	x	x	Ribeiro e ribeira			
	x		Afluente			
	x		Nascente			
	x	x	Foz	x		
	x		Margem			
			Bacia hidrográfica			
		x	Rede hidrográfica			
			Regime hidrológico			
		x	Caudal			
			Caudal ecológico			
			Caudal de estiagem			
	x		Lençol de água subterrâneo			
		Toalha freática				
		Aquífero				

Notas / Observações: _____

O Meio Natural

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações	
Litoral			Profundidade				
			Plataforma de abrasão				
			Plataforma continental				
			Abrasão marinha				
			Erosão marinha				
			Planície litoral				
		x	Mar				
		x	Arriba				
		x	Praia				
			Tombolo				
		x	Duna				
		x	Estuário				
		x	Delta				
			Concha				
			Haff Delta				
		x	Ria				
		x	Ilha				
			Ilhéu				
		x	x	Arquipélago			
		x		Cabo			
				Farilhões			
				Enseada			
				Baía			
			Golfo				
		x	Península				
			Salinidade				
			Litoralização				

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações
Risco e catástrofes			Risco			
			Catástrofe natural			
			Sismo			
			Vulcão			
			Tempestade tropical			
			Deslizamento			
			Avalanche			
			Vaga de calor			
			Vaga de frio			

População e Povoamento

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações
População			Demografia			
			Censo			
	x	x	População absoluta			
		x	Densidade populacional			
		x	Natalidade			
		x	Mortalidade			
		x	Crescimento natural			
			Taxa de natalidade			
			Taxa de mortalidade			
			Taxa de crescimento natural			
			Saldo Fisiológico			
			Estrutura Etária			
			Esperança média de vida			
			Classe etária			
			Classe Oca			
		x	Grupo etário			
			Rejuvenescimento			
		x	Envelhecimento			
			Políticas demográficas			
			Índice de renovação de gerações			
		Índice de fecundidade				
		Planeamento familiar				
	x	Alfabetização				

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações
Mobilidade		x	Migração			
		x	Emigração			
		x	Imigração			
			Saldo Migratório			
			Migração interna			
			Migração externa			
			Fluxo migratório			
		x	Êxodo rural			
			Êxodo urbano			
			Neorurais			
			Migração clandestina			
			Migração temporária			
			Migração Sazonal			
			Migração definitiva			
			Movimentos pendulares			
			Refugiado			

População e Povoamento

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações
Diversidade Cultural	x		Língua			
			Espaço lusófono			
		x	PALOP's			
			CPLP			
	x		Religião			
	x		Costumes e tradições			
			Cultura			
			Civilização			
			Globalização			
			Racismo			
		Xenofobia				

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações
Áreas de fixação humana		x	Área atractiva			
		x	Área repulsiva			
			Vazios humanos			
			Espaço Rural			
			Espaço Urbano			
		x	Povoamento urbano			
			População rural			
			Povoamento agrupado			
			Povoamento Disperso			
	x		População urbana			
	x		Interdependência			
		x	Povoamento rural			
			Cidade			
			Urbanização			
			Suburbanização			
			Taxa de urbanização			
			Periurbanização			
			Metrópole			
			Área Metropolitana			
			Morfologia urbana			
			Planta ortogonal			
			Planta radiocêntrica			
			Planta irregular			
			Áreas funcionais			
	x		Função / Função urbana			
			Subúrbios			
		RSU				
		Smog				

Atividades Económicas

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações
Atividades económicas: recurso, processos de produção e sustentabilidade	x	x	Recurso			
			Recurso Renovável			
			Recurso Não Renovável			
			Recursos energético			
	x		Fonte de energia			
			Fonte de energia alternativa			
			Combustível fóssil			
		x	Sector de actividade			
		x	População activa			
		x	População inactiva			
		x	Desemprego			
			Sectograma			
			Estrutura activa			
	x	x	Agricultura			
			Solo arável			
			Morfologia agrária			
			Sistema de produção			
			Sistema de rega			
			Parcela			
			Latifúndio			
			Minifúndio			
			Hortas			
			Policultura			
			Monocultura			
			Subsistência			
		x	Pousio			
		x	Baldio			
			Agricultura queimada			
			Agricultura se queiro			
			Agricultura dos Oásis			
			Agricultura alagada			
			Rizicultura			
		Agricultura de plantação				
		Agro-indústria				
		Agricultura Biológica				
		Degradação do solo				
		Erosão de solos				
		Desertificação				
		Eutrofização				
		Desflorestação				
		Salinização				

Atividades Económicas

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações
Atividades económicas: recurso, processos de produção e sustentabilidade	x	x	Pesca			
			Pesca local e costeira			
			Pesca de alto			
			Pesca longínqua			
			Técnicas de pesca			
	x		Aquacultura			
			<i>Upwelling</i>			
			Corrente marítima			
			ZEE			
			Sobrepesca			
			<i>Stocks</i>			
			Épocas de defeso			
			Frota pesqueira			
			Quota de pesca			
	x		Pecuária			
			Pecuária intensiva			
			Pecuária extensiva			
	x		Pastorícia			
			Estabulação			
	x		Espécies pecuárias			
			Silvicultura			
	x		Produção vegetal			
			Montado (sobro e azinho)			
	x	x	Indústria			
			Indústria transformadora			
			Indústria de bens de consumo			
			Indústria de bens de eq. ¹⁰			
			Indústria de bens intermédios			
			Indústria de base ou pesada			
			Indústria ligeira			
		Indústria tradicional				
		Indústria de ponta				
		Factores de localização				
x		Matéria-prima				
x		Mão-de-obra				
		Linha de montagem				
		Tecnologia de ponta				
		Indústria extractiva				
x		Pedreira				
x		Mina				
x		Produtos finais				
		Deslocalização industrial				

Atividades Económicas

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações	
Atividades económicas: recurso, processos de produção e sustentabilidade	x	x	Comércio				
			Importações				
			Exportações				
			Balança Comercial				
			Mercado				
			Circuito comercial				
			Concorrência				
			Proteccionismo				
			Oferta				
			Procura				
			Preço				
			Monopólio				
			Globalização				
			Consumo				
			Consumo de massas				
			Multinacional				
			x	Serviços			
				Serviço público			
			x	Equipamento			
				Equipamento colectivo			
		x	x	Turismo			
		x	x	Lazer			
				Turismo sustentável			
				Turismo balnear			
				Turismo de montanha			
				Turismo Cultural			
			Turismo religioso				
			Turismo termal				
			Turismo sénior				
			Turismo ecológico				
			Turismo de massas				

Notas / Observações: _____

Contrastes de Desenvolvimento

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações
Países Desenvolvidos versus Países em Desenvolvimento			Crescimento económico			
			Desenvolvimento			
			PIB <i>per capita</i>			
			Índice de Des. ^{to} Humano			
			Mortalidade Infantil			
			Taxa de Mortalidade Infantil			
			Mortalidade materna			
			Taxa de alf. ^{ção} de adultos			
			Qualidade de vida			
			Bem-estar			
			Nível de vida			
			Necessidades básicas			
			Refugiado			
			Fome			
			Subnutrição			
		Sobrenutrição				

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações
Interdependência entre espaços com diferentes níveis de desenvolvimento			Dívida externa			
			Segurança alimentar			
			Subnutrição			
			Comércio justo			
			Termos de troca			
			Ajuda alimentar			
			Cooperação			
			ONG			
			Organismo multilateral			
			Ajuda Pública ao Des. ^{to}			
			Ajuda de emergência			

Notas / Observações: _____

Ambiente e Sociedade

Subtemas	1º C EM	2º C HGP	3º CICLO - GEOGRAFIA Conceitos	Sim	Não	Observações
Ambiente e desenvolvimento sustentável	x		Ambiente			
	x		Atmosfera			
			Hidrosfera			
			Biosfera			
			Desenvolvimento sustentável			
			Pegada ecológica			
			Impacte ambiental			
	x		Poluição			
			Desflorestação			
			Biodiversidade			
			Desertificação			
			Habitat			
			Ecosystema			
			Aquecimento global			
			Mudanças climáticas			
	X		Buraco do Ozono			
	x		Chuvas ácidas			
	x		Efeito de estufa			
			Equilíbrio térmico			
			Salinização			
	x		Maré negra			
			Aterro sanitário			
	x	x	Saneamento básico			
		x	Território			
	x	x	Reserva Nacional			
	x		Abastecimento de água			
x		ETAR				
x		Lixos / Resíduos				
		Aterro Sanitário				

Notas / Observações: _____

Workshops “A Geografia nos currículos”

A Geografia no Ensino Secundário – Que mudanças?

Quando analisamos o currículo de Geografia no ensino secundário parece-nos que o mais importante será rever o programa de Geografia A.

Em relação a este programa devemos partir sempre da seguinte premissa:

O programa de Geografia A tem, entre outros, dois vetores fundamentais na educação geográfica, em Portugal:

- a) O conhecimento do território nacional, dos seus recursos, das suas potencialidades e da importância do ordenamento do território português;*
- b) A aquisição de conceitos geográficos que, embora ensinados tendo como escala de análise o território de Portugal, são estruturantes para a Geografia e aplicáveis a qualquer escala de análise.*

Assim podemos questionar-nos sobre se devemos:

- Manter a Geografia A centrada no território português?
- Fazer apenas uma revisão do programa menos aprofundada e analisar sobretudo que conceitos do atual programa manter ou retirar?

Atendendo à situação atual parece-nos que, sem deixar de refletir sobre a primeira questão, será fundamental discutir em particular a segunda interrogação.

Propõe-se então que, para cada tema e subtema do atual programa, se debatam os conceitos estruturantes, enunciando os que consideramos que devem ser retirados.

Neste debate deveremos também ter como “pano de fundo” o alargamento da escolaridade obrigatória até ao 12º ano.

Temas e Subtemas	Conceitos	Conceitos Estruturantes
Módulo inicial - A posição de Portugal na Europa e no Mundo	Cidadania Concelho CPLP Distrito Espaço lusófono Freguesia Mercado Comum Moeda Única NUT Região Autónoma Território Tratado de Maastricht Tratado de Roma União Europeia	
1. A população, utilizadora de recursos e organizadora de espaços		
1.1. A população: evolução e diferenças regionais	Desemprego Desenvolvimento sustentável Emprego temporário Envelhecimento demográfico Estrutura ativa Estrutura etária Êxodo rural Imigração Índice de dependência de Idosos Índice de dependência de jovens Índice de dependência total Índice de renovação de gerações Índice sintético de fecundidade Nível de qualificação profissional PDM Qualidade de vida Taxa de alfabetização Taxa de desemprego Taxa de fecundidade Tipos de emprego	
1.2. A distribuição da população	Assimetrias regionais Capacidade de carga humana Despovoamento Litoralização	

Notas / Observações: _____

Temas e Subtemas	Conceitos	Conceitos Estruturantes
2 - Os recursos naturais de que a população dispõe: usos, limites e potencialidades		
2.1 - Os recursos do subsolo	Águas minerais Águas termais Combustíveis fósseis Energia geotérmica Jazida Mineral energético Mineral metálico Mineral não metálico Recurso endógeno Recurso exógeno Recurso não renovável Recurso renovável Rochas industriais Rochas ornamentais Turismo termal	
2.2 - A radiação solar	Amplitude da variação térmica Ângulo de incidência Constante solar Encosta soalheira Encosta umbria Energia solar Insolação Isotérmica Nebulosidade Radiação global Radiação terrestre Radiação solar Radiação solar direta Temperatura média Turismo balnear	

Notas / Observações: _____

Temas e Subtemas	Conceitos	Conceitos Estruturantes
2 - Os recursos naturais de que a população dispõe: usos, limites e potencialidades		
2.3 - Os recursos hídricos	Água residual Água subterrânea Água superficial Albufeira Aquífero Balanço hídrico Barragem Barreira de condensação Caudal Declive Depressão barométrica Disponibilidade hídrica Drenagem Efluente Escorrência Eutrofização Evapotranspiração Recurso hídrico Rede hidrográfica Regime de um rio Salinização Toalha cársica Toalha freática Infiltração Isóbara Massa de ar Permeabilidade Período seco estival POA Plano de ordenamento das bacias hidrográficas Precipitação atmosférica Precipitação convectiva Precipitação frontal Precipitação orográfica Produtividade aquífera Situação meteorológica Superfície frontal polar	

Notas / Observações: _____

Temas e Subtemas	Conceitos	Conceitos Estruturantes
2 - Os recursos naturais de que a população dispõe: usos, limites e potencialidades		
2.4 - Os recursos marítimos	Abrasão marinha Águas interiores Águas territoriais Aquicultura Arriba Barra Corrente marítima Deriva Norte-Sul Energia eólica Energia das marés Erosão marinha Espaço marítimo Estuário Maré negra Nortada Plataforma continental Praia Quotas de pesca POOC “Ria” Recurso piscícola Restinga <i>Stock</i> tAB Talude continental Tipos de pesca <i>Upwelling</i> Zona contígua Zona económica exclusiva (ZEE)	

Notas / Observações: _____

Temas e Subtemas	Conceitos	Conceitos Estruturantes
3 - Os espaços organizados pela população		
3.1 - As áreas rurais em mudança	Agenda 2000 Desenvolvimento Sustentável Emparcelamento Espaço rural Estrutura agrária Estrutura fundiária FEDER (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional) FEOGA (Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícolas) FSE (Fundo Social Europeu) Indústria agroalimentar LEADER (Ligações entre ações de desenvolvimento da economia rural) OMC (Organização Mundial do Comércio) PAC (Política Agrícola Comum) Património cultural paisagístico PEDAP (Programa Específico de Desenvolvimento da Agricultura Portuguesa) Pluriatividade Produtividade agrícola Região agrária Rendimento agrícola SAU (Superfície Agrícola Utilizada) Set-aside Tipos de agricultura Tipos de turismo	

Notas / Observações: _____

Temas e Subtemas	Conceitos	Conceitos Estruturantes
3 - Os espaços organizados pela população		
3.2 – As áreas urbanas: dinâmicas internas	<p>Acessibilidade Área funcional Área metropolitana Área periurbana Área suburbana CBD/ Baixa Centro urbano/cidade Descentralização Desconcentração Diferenciação funcional Diferenciação social Espaço intraurbano Espaço urbano Especulação fundiária Expansão urbana Fator de localização industrial Função rara/vulgar Função urbana Migração pendular Ordenamento territorial Padrão de localização . concentrado . difuso PDM (Plano Diretor Municipal) PER (Programa Especial de Realojamento) Periurbanização Planeamento territorial POLIS (Programa de Requalificação Urbana e de Valorização Ambiental das Cidades) Pólo de atracção População urbana PP (Plano de Pormenor) PRAUD (Programa de Recuperação das Áreas Urbanas Degradadas) PU (Plano de Urbanização) Reabilitação urbana Renda locativa Renovação urbana Requalificação urbana Rurbanização Segregação funcional Segregação social Solo expectante Suburbanização Terciarização</p>	

Temas e Subtemas	Conceitos	Conceitos Estruturantes
3 - Os espaços organizados pela população		
3.3 – A rede urbana e as novas relações cidade-campo	Aglomeração urbana Área de influência Centralidade Coesão territorial Complementaridade Cooperação interurbana Deseconomia de aglomeração Economia de aglomeração Lugar central Macrocefalia/bicefalia Parcerias urbano/rural PROSIURB (Programa de Consolidação do Sistema Urbano Nacional e Apoio à Execução dos Planos Diretores Municipais) Rede urbana Monocêntrica Policêntrica	

Temas e Subtemas	Conceitos	Conceitos Estruturantes
4 - A população, como se movimenta e como comunica		
4.1 - A diversidade de modos de transporte e a desigualdade espacial das redes	Barreira Distância-custo Distância relativa Distância-tempo Fluxo de informação Interface/ Plataforma multimodal Isócrona Isótima Logística Meio de Transporte Modo de transporte PGT (Política Geral de Transportes) PRODAC (Programa Operacional de Desenvolvimento das Acessibilidades) RTE (Rede Transeuropeia de Energia) RTT (Rede Transeuropeia de Transportes) <i>Transshipment</i> Transporte multimodal	

Notas / Observações: _____

Temas e Subtemas	Conceitos	Conceitos Estruturantes
4 - A população, como se movimenta e como comunica		
4.2 - A revolução das telecomunicações e o seu impacto nas relações interterritoriais	Ciberespaço STAR (Ação Especial no Campo das Telecomunicações para o Desenvolvimento Regional) Telecomércio Teletrabalho TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação)	
4.3 – Os transportes e as comunicações e a qualidade de vida da população	PGT (Política Geral de Transportes) PRODAC (Programa Operacional de Desenvolvimento das Acessibilidades)	

Temas e Subtemas	Conceitos	Conceitos Estruturantes
5 - A integração de Portugal na União Europeia: novos desafios, novas oportunidades		
5.1 - Os desafios para Portugal do alargamento da União Europeia	QCA (Quadro Comunitário de Apoio ONG (Organização Não Governamental)	
5.2 - A valorização ambiental em Portugal e a Política Ambiental Comunitária	Área protegida Parque Natural PERSU (Plano Estratégico para os Resíduos Sólidos Urbanos) PNA (Plano Nacional da Água) Rede <i>Natura 2000</i> Reserva Natural	
5.3 - As regiões portuguesas no contexto das políticas regionais da União Europeia	Tratado de Amesterdão PECO (Países da Europa Central e Oriental) PHARE (Assistência à Reestruturação das Economias da Polónia e da Hungria)	

Notas / Observações: _____

DOCUMENTOS DE APOIO



Souto González, Xosé Manuel (1999); **Didáctica de la Geografía, problemas sociales y conocimiento del medio**; Ediciones del Serbal, Segunda edición ampliada; pp.157

Cuadro 30. Técnicas, y logros que se pueden alcanzar, en la comprensión de la información recibida

Edades	Cartográfico	Icónico	Estadístico	Verbal
3 a 7 años	Compara objetos cotidianos con sus representaciones: fotos y mapas. Identifica elementos de un lugar.	Distingue hechos conocidos en fotografía de perspectiva horizontal y oblícua (p.ej., acera de calle).	Compara números absolutos (noción de «más grande que», «menor que»).	Entiende artículos de prensa. Conoce el vocabulario específico.
8 a 11 años	Entiende croquis y planos convencionales. Distingue líneas, puntos y superficies. Conoce símbolos habituales.	Compara fotos aéreas y planos. Obtiene información de fotos aéreas. Sitúa objetos de fotos en planos.	Elabora medias aritméticas. Entiende el concepto de número relativo.	Lee y diferencia partes de un todo en documentos. Sabe subrayar y hacer esquemas. Sabe consultar el diccionario.
12 a 16 años	Sabe trazar itinerarios. Compara escalas. Entiende proyecciones. Comprende el uso del atlas.	Interpreta conceptos geográficos a través de imágenes.	Conoce índices, porcentajes. Entiende el uso de la moda y mediana.	Sabe resumir un documento. Entiende y cuenta narraciones acerca de lugares imaginarios o reales.
16 a 18 años	Interpreta mapas temáticos con más de tres variables.	Define localizaciones geográficas a partir de imágenes.	Correlaciona variables de un sistema.	Analiza conceptos y sabe relacionarlos con otros ya estudiados.

Souto González, Xosé Manuel (1999); **Didáctica de la Geografía, problemas sociales y conocimiento del medio**; Ediciones del Serbal, Segunda edición ampliada; pp.161

Cuadro 32. Técnicas y logros para la formulación de un método de trabajo

<i>Edades</i>	<i>Cartográficos</i>	<i>Icónicos</i>	<i>Estadísticos</i>	<i>Verbal</i>
3 a 7 años	Diferencia formas en planos. Traza itinerarios en planos. Realiza juegos de dirección.	Sabe ordenar los elementos de un paisaje en imágenes.	Maneja números sencillos para ordenar.	Ordena las ideas en una narración de una experiencia vivida.
8 a 11 años	Entiende mapas con escala e identifica los lugares en un atlas. Sabe trazar rutas, identifica el Norte y relaciona elementos. Mide distancias.	Interpreta los elementos de un paisaje indicando relaciones en un territorio.	Sabe comparar magnitudes diferentes (población longitud de ríos). Compara variables entre sí a través de números relativos (medias).	Elabora esquemas conceptuales de los hechos analizados. Busca nueva información en enciclopedias.
12 a 16 años	Interpreta en mapas los factores que explican una distribución geográfica. Sabe correlacionar las escalas de un mismo lugar.	Sabe plantear problemas a partir de imágenes. Analiza las actuaciones humanas en el medio. Sabe hacer maquetas de relieve.	Correlaciona datos para comprobar regularidades. Calcula áreas aproximadas de superficies utilizando mallas cuadrículadas.	Planifica un guión de trabajo sobre las cuestiones que va a estudiar.
16 a 18 años	Sabe relacionar mapas temáticos diversos para llegar a conclusiones.	Muestra ejemplos de situaciones diversas para verificar hipótesis.	Verifica sus ideas con datos elaborados.	Revisa sus guiones a lo largo del trabajo.

Souto González, Xosé Manuel (1999); **Didáctica de la Geografía, problemas sociales y conocimiento del medio**; Ediciones del Serbal, Segunda edición ampliada; pp.166

Cuadro 33. *Presentación de resultados en los diferentes lenguajes relacionados con el estudio geográfico*

<i>Edades</i>	<i>Cartográfico</i>	<i> Icónico</i>	<i> Estadístico</i>	<i> Verbal</i>
3 a 7 años	3 a 7 años. Hace croquis de itinerarios. Hace dibujos de lugares imaginarios y objetos.	Realiza murales con fotos de lugares visitados y vistos en medios de comunicación.	Mide espacios y los representa con manos, pies... Usa símbolos para medir (mayor que...).	Cuenta oralmente y empieza a escribir ordenadamente.
8 a 11 años	Hace mapas simplificados, copia lugares de atlas. Hace modelos de calles con usos del suelo. Dibuja símbolos y pone leyendas.	Elabora croquis sobre fotos y coloca comentarios en éstas. Localiza países que aparecen en TV con mapas.	Hace tablas estadísticas y gráficas de barras. Localiza con ayuda de cuadrículas.	Sabe hacer resúmenes y redacciones sobre cosas estudiadas. Recapitulaciones sobre su aprendizaje .
12 a 16 años	Usa la escala, elabora leyendas, sitúa el Norte y pone título a los mapas Superpone mapas de escalas diferentes.	Hace colección de fotos en una situación geográfica para describir sus características.	Elabora diagramas circulares de barras.	Sabe hacer una síntesis integrando lo estudiado en sus esquemas personales. Sabe citar bibliografía.
16 a 18 años	Elabora mapas temáticos.	Realiza croquis de usos del suelo a partir de fotos.	Gráficos y pirámides de edad.	Sabe hacer síntesis e informes. Propone soluciones.

Souto González, Xosé Manuel (1999); ***Didáctica de la Geografía, problemas sociales y conocimiento del medio***; Ediciones del Serbal, Segunda edición ampliada; pp.171

Cuadro 34. Modelos didáctico-evaluativos

<i>Concepción de</i>	<i>Modelo A</i>	<i>Modelo B</i>	<i>Modelo C</i>
Profesor	Expone la materia.	Colabora en el aprendizaje del alumnado.	Dirige la reconstrucción de esquemas del alumno.
Contenidos	Temas, datos que son resumen de la ciencia.	Centros de interés de la vida observable.	Problemas escolares, conflictos que hay que explicar.
Objeto de evaluación	Calificación de los resultados del aprendizaje.	Desarrollo individual.	Madurez explicativa ante problemas.
Objetivos	Objetivos mensurables.	Flexibles individuales y de grupo.	Referidos a capacidades.
Saber	Enterarse de la ciencia, considerada como algo acabado.	Comprender nuestra vida y sus incertidumbres.	Explicar nuestra sociedad con argumentos.
Asesores del proyecto	Elaboran prescripciones sobre la práctica.	Permiten muchas y diferentes líneas de trabajo.	Orientan la práctica desde propuestas teóricas contrastadas en el aula.
Materiales	Libro de texto. Resumen de datos y conceptos. Los ejercicios son de comprobación.	Fotocopias de documentos diversos con actividades variadas.	Cuadernos del profesor/alumno con secuencia metodológica. Lógica de la materia y aprendizaje.
Comunicación en el aula	Comunicación unidireccional. Profesor/ hileras de alumnos.	Comunicación abierta. Asamblea de clase.	Comunicación dirigida. Equipos de trabajo, luego puesta en común y síntesis.

Souto González, Xosé Manuel (1999); ***Didáctica de la Geografía, problemas sociales y conocimiento del medio***; Ediciones del Serbal, Segunda edición ampliada; pp. 367

Cuadro 73. Recursos en un aula de geografía y organización del espacio escolar

<i>Espacio escolar</i>	<i>Recursos</i>	<i>Técnicas</i>	<i>Etapas educativas</i>
Cartoteca.	Mapas murales. Fotos aéreas. Planos. Mapas topográficos y temáticos.	Comparar plano/foto. Programar itinerarios. Comparar formas/tamaños. Orientación y localización. Interpretación.	Primaria y Secundaria.
Observatorio meteorológico (patio).	Termómetros máximas y mínimas, pluviómetro, anemómetro, veleta.	Recogida de datos. Elaborar medias. Confeccionar gráficas. Comparar.	Primaria.
Fuera del aula escolar (trabajo de campo).	Cuaderno de trabajo, lápices de colores, brújula, mapas, máquina de fotos. Itinerarios. Usos suelo.	Recoger y clasificar datos observables. Contrastar la percepción y observación. Orientación. Medición.	Primaria y Secundaria.
Biblioteca de aula.	Atlas, anuario estadístico. Enciclop. geográfica.	Localización. Utilización de atlas y datos. Consultas.	Tercer ciclo de Primaria y Secundaria.
Espacio lúdico, simbólico, tridimensional.	«Casa de muñecas» Maquetas del paisaje local y de la Península Ibérica. Telurio.	Percibir volumen y representar en plano. Comparar plano y volumen.	Primer ciclo de Primaria y Secundaria.
Aula de recursos informáticos.	Programas informáticos en CDrom, CDI. Conexión a Internet.	Base de datos, juegos de simulación, dibujo por ordenador. Seleccionar información.	Secundaria.
Audiovisual.	Diapositivas, acetatos para retroproyector. Fotos y pares estereoscópicos, vídeos, films.	Análisis de las imágenes (planos) y de su simbología. Explicar elementos del medio.	Primaria y Secundaria.
Exposición de materiales (relación con ciencias naturales) (laboratorio).	Fósiles, rocas y minerales. Muestras vegetales.	Análisis de la litología, suelos, vegetación de un paisaje.	Secundaria.
Taller de prensa (en el centro escolar).	Ordenador, fotocopidora, laboratorio fotográfico.	Producir monografías. Hacer revistas escolares.	Secundaria.
Expositor y archivo de documentos.	Corcho con fotos y folletos. Dossiers de prensa y revistas.	Describir elementos del paisaje. Análisis de problemas sociales. Crítica fuentes.	Tercer ciclo de Primaria y Secundaria.

PEDY PAPER



Faça o percurso no seu ANDROID, IPAD, ou IPOD...se (I)PUDER. Georeferencie o trajeto, juntando fotos, dos locais georeferenciados.

Tome sempre como referência “o senhor com o leão pela mão”. E acerte a sua bússola interior.

Coloque-se nas costas do “senhor” e diga-nos o nome actual da antiga pedreira, _____, que hoje está encimada pelo controverso monumento do escultor João Cutileiro em homenagem ao 25 de Abril de 1974.

Na direção NO, sensivelmente, está um dos equipamentos mais luxuosos da cidade, e embora um pouco encoberto pelas acácias floridas (já estão floridas? Sim ____ Não ____), ainda se enxerga: é o _____. Passe os olhos pelo túnel e diga-nos quantos locais de paragem dos antigos viajantes, hoje, uns são psico outros alo ...cêntricos, consegue vislumbrar a partir da Rotunda. Nº _____ Pode nomeá-los?

Mas, se preferir, pode antes contar e enumerar os locais onde se deveria acumular a “espécie rara” (segundo a publicidade recente de um deles que, por sinal, mandou e-mails de rescisão a todos os seus colaboradores em Portugal)

Nº _____ Pode nomeá-los? _____

Atravesse em segurança pelo lado da avenida que segue para nor-nordeste, e tem o nome de um político do Séc. XIX: a _____. E, ao virar da esquina, os mais de mil e duzentos milhões mandam agora na _____. Procure, ainda, a segurança que vem do Sr. Sarkozy, a Companhia de _____.

Aproveite a deixa. Voe, mas comprando a viagem em produtos nacionais, na _____. Antes de começar a descer em direção ao rio, dê uma olhada no pequeno jardim à sua esquerda e diga-nos de que escritor é a estátua que se vislumbra, no início da avenida que vai desaguar na Praça José Fontana: _____. A avenida é a: _____.

Agora... vire definitivamente as costas ao “senhor do leão”, mas continue a tê-lo por referência.

O que lhe faz lembrar o Canto da Gesta? O _____. Depois, informe-se! É para isso que serve o elegante edifício de linhas modernas do Arquitecto [Pardal Monteiro](#) e decorado com painéis de [Almada Negreiros](#): foi a primeira obra arquitectónica a ser projectada de raiz para um jornal em Portugal e ganhou o [Prémio Valmor](#) (1940) _____.
_____. Vá observando os edifícios e tente saber a idade do da *Dolce* mas que não é *Vita* _____. Mais à frente, é o capital que manda em toda a sua pujança, é mesmo a sede da _____. E agora por extenso: _____ de _____ de _____. Se observar bem, pode verificar que é um bom exemplo de _____ urbana. (Aproveite para discutir os conceitos!)

Já vi que já está cansado/a, precisa de uma garrafinha de água, entre (é facultativo!) na Pastelaria do “senhor do leão” (ainda não se livrou dele, e já que falamos de animais diga-nos o nome de um outro mamífero, que já lhe deve ter mordido os pés: a _____). A calçada portuguesa tem destas coisas!) Passe tranquilamente pela _____ e prepare-se para andar de um lado para o outro num vaivém ruidoso, frenético e também onde normalmente existem as maiores concentrações de CO₂ da cidade. Rápido, porque aqui os peões têm pouco tempo. Já do lado ímpar, terá de andar um pouco para trás...

Onde está a Liberdade? Está no _____. E o que está a acontecer ao 247? _____ e Depois Pare no 245. E faça a planta funcional até ao Hotel do Senhor do Leão. Diga os tipos de bens e serviços que se podem observar, horizontalmente, até à esquina. Não se esqueça que os locais de paragem também são equipamentos.

Aqui tem a sua ajuda!



Ainda só passou o 1º quarteirão, Atravesse as Lendas e Narrativas e **desenhe** a prova da preocupação com o excesso de poluição.

Chegou ao 2º quarteirão da Avenida. Aproveite a esplanada ou um banco, para contar os devolutos. Quantos são? _____ (dos dois lados!). A propósito de banco, quais são os que têm as suas Sedes neste quarteirão? _____

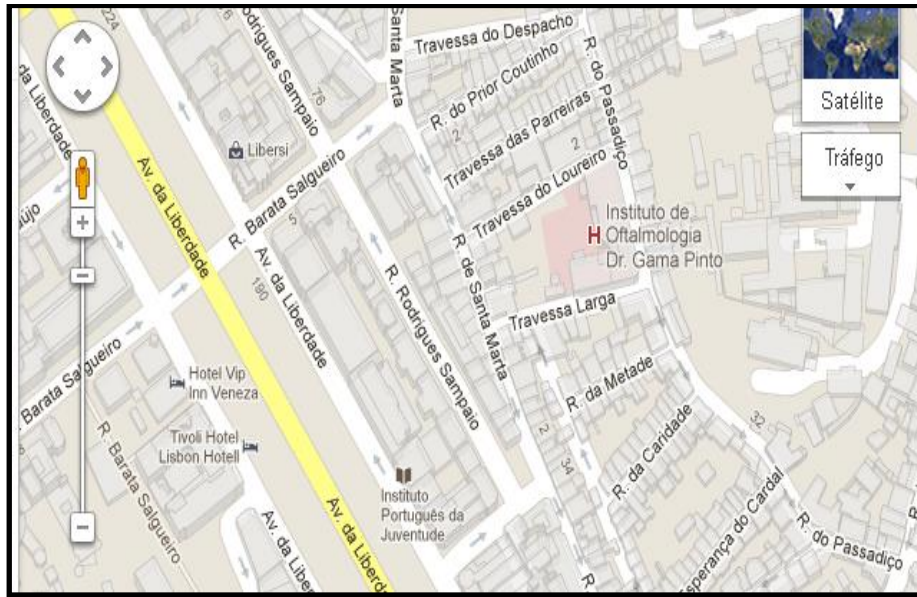
Enquanto está no banco, diga-nos que tipo de funções centrais dominam na área que já percorreu. Indique as razões dessa existência. Proponha uma explicação:

E **Voe** qual moscardo, mas bem assente na terra, à procura dos Olímpicos de 2012, por sinal nascidos no berço da nacionalidade (que este ano é capital da cultura, não deixe de a visitar!) a _____

Esta foi difícil!

Um pouco mais à frente, encontra outros serviços centrais, como _____ (os que nos tratam da saúde!) e _____ (esta é só a maior Sociedade -FIRMA?! - do país, só podia estar por cima da Sr^a Merkel, no _____). Atravesse a rua com o apelido de uma das Geógrafas que mais tem estudado as funções urbanas e que editou um livro chamado precisamente A _____.

Bem, podemos dizer que este quarteirão é verdadeiramente de luxo! Vale a pena fazer a planta funcional completa!



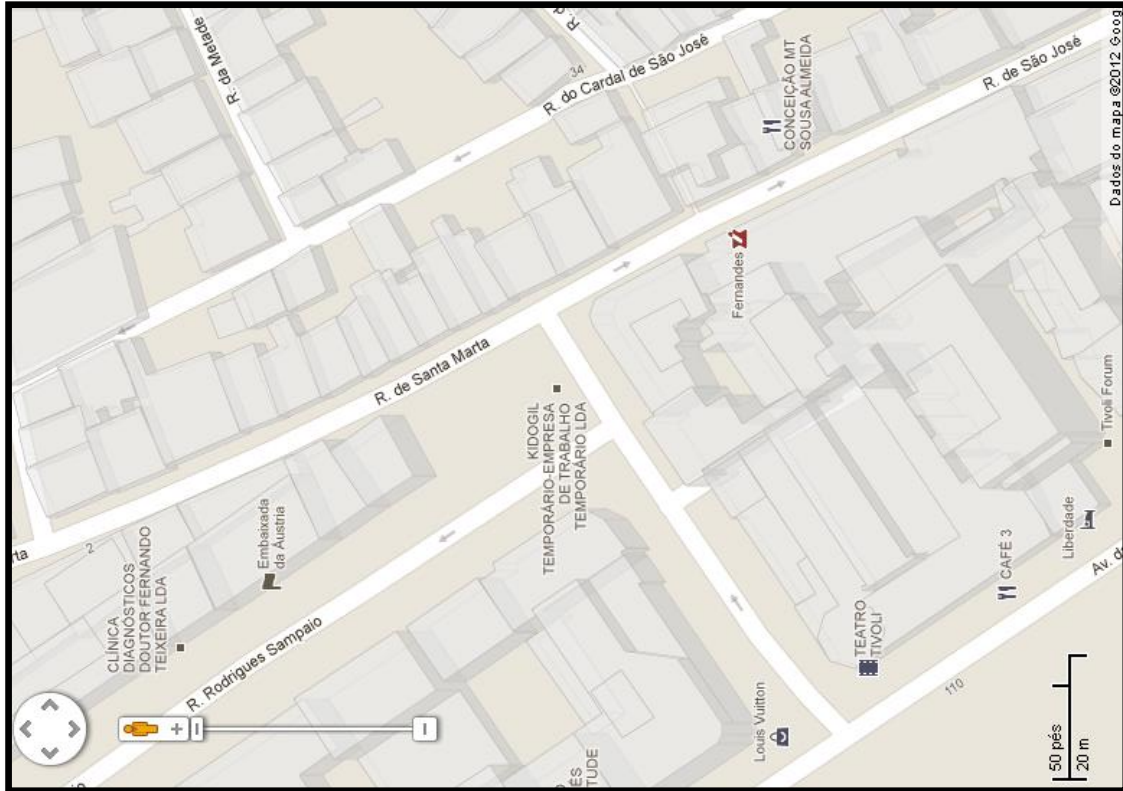
Nome	Função	hierarquia da Função
------	--------	----------------------

Aprecie cada edifício. A de esquina vem do Império Romano _____
 _____. Tire uma foto à que o diabo veste, a _____. E de que
 estilo decorativo é a fachada? _____ . Passe pela clássica e portuguesa, para
 Homem _____ e _____. e aprecie as tendências de primavera-verão na
 italiana _____. Encontre a *National* _____ do seu ofício, e aproveite, para
 dicriminar as funções centrais distribuídas **em altura** no edifício em que se ganha sempre, o nº
 _____, Edifício _____.

Escolha a suas botas de caminhada na _____ e fique muito *in* na
 _____. Pare agora em frente do local onde se pode
 equipar para a viagem de luxo que um dia poderá fazer e quando a fizer, terá de levar uma mala
 desta loja, a _____. E no meio de tudo isto a _____
 impera no seu Instituto.

Acerte as suas agulhas, pois agora é hora de fazer um pequeno desvio, desça um pouco para **Este** e, na paralela à avenida, em frente à Mariazinha, escolha um dos **Santos** ou a que, segundo consta, acompanhou Jesus ao Calvário, ou o seu pai adotivo.

Percorra na rua que escolheu mais ou menos 50m. E faça a planta funcional.



Volte para trás, e suba, junto ao banco em direção ao Teatro, que durante muitos anos foi cinema. Mas não o alcance, pois antes deste deve entrar pela porta ao lado do acesso ao estacionamento. Está no _____.

Escreva o nome das áreas comerciais por onde vai passando. Se estiver cansado(a), desça na escada rolante e coma alguma coisa, mas não beba já o café.... Espere mais um pouco!

E como dirá o nosso GPS, saia, na Saída, pela porta grande, mas não sem antes apreciar, a novel de acessórios que serve champagne aos clientes VIP, a _____.

Continue em direção à Praça do Feriado, que pelos vistos vai deixar de o ser, mas sem pressas...

A cor pode não lhe interessar, mas é um emblemático edifício da Avenida, o Centro _____ do _____. Logo a seguir, pode visitar o espaço da dupla de celebridades (já sabemos que não lê revistas cor de rosa) que, além de lhe poder cortar as melenas, agora também vende “griffes”, mas nacionais, _____.

Volte um pouco atrás, até ao antigo e vermelho local onde manda a sorte... e antes de atravessar, de forma segura, aproveite para tirar uma foto para o lado oposto: pode ser que consiga apanhar, se as árvores deixarem o não menos famoso local onde viveu, durante muitos anos, a atriz Beatriz Costa, o _____ e o emblemático cinema (Prémio Municipal de Arquitectura, 1950, projectado pelo Arq. Fernando Silva, e considerado uma novidade na arquitetura central de Lisboa, à

época) _____ . Atravesse rápido em direção ao edifício da Universidade onde o remo é obrigatório _____ , e observe o pormenor das suas estranhas janelas laterais. E, porque é que se pode dizer que a crise já chegou aqui? _____ . Está muito perto do espaço que deveria ter sido intervencionado pelo arquiteto do Guggenheim de Bilbao, _____ mas que, por enquanto, continua a degradar-se, o _____ (que aliás não se vê do local onde está). Um pouco recuado, está o edifício¹ que lhe deu o nome. Mas ainda antes de lá chegar, passe por onde pode jantar como se a bordo de um Rabelo estivesse. _____ e já agora diga-nos onde está o castelo _____ .

E os heróis estão no _____

Bem, agora é de ficar à nora!

Procure o **Edifício MCB** e entre (se estiver aberto) no espaço que da raia vende o tropical - que as últimas investigações dizem ser do melhor para prevenir doenças - e é dos sabores mais apreciados pelos lusos. _____ .

(para ajudar, siga as instruções: atravesse para o lado onde a calçada é mais bonita, dirija-se para norte e se a luz estiver vermelha, vá ao subterrâneo e reapareça do outro lado, dirija-se agora para sul)

Encontrou? Então, entre e disfute.

Aproveite, para discutir, com os seus pares, a diferença na hierarquia das funções centrais da avenida e da rua do Santo(a) da sua preferência. Beba um, para retemperar as forças e continue. Não, ainda não acabou.

Desça até, às Pretas, observando o tipo de funções centrais dos edifícios, e enumere-as.

Procure o Boss que é _____ e Zegna que é _____ e improvise!.... Sabe porquê? Tente perguntar no Sofitel, pois é a tradução à letra do nome do local onde podemos ser uns verdadeiros *Gourmet*, o _____ .

Na diversidade está o bom gosto, será? Onde está o Monte Branco? Está na _____ que por sinal foi criada por banqueiros de Hamburgo, numa companhia chamada Simplo filler pen Co.

¹ O **Prémio Valmor de 1902** foi atribuído ao **Palácio Lima Mayer (1)**, uma construção de 1901, situada na Avenida da Liberdade fazendo esquina para a Rua do Salitre e da qual **Adolfo de Lima Mayer** era proprietário. O arquiteto foi **Nicola Bigaglia** (?-1908), italiano radicado em Portugal. A propriedade incluía, para além do edifício, um extenso jardim, no qual, em 1921, se edificou o Parque Mayer. Actualmente funcionam no edifício serviços da Embaixada/Consulado de Espanha.

Vai casar ou vai a um casamento? Escolha o seu traje na _____ e procure a “Joi ... de vivre”, está no acesso à _____. Pode subir, dar a volta à Praça e tentar datar de os edifícios,. São edifícios do Séc _____. E qual é a função que domina aqui? _____. Faça um comentário em relação ao aspeto geral dos mesmos.

_____. Mas não deixe de tirar uma foto ao edifício mais **warm** da Capital: o _____.

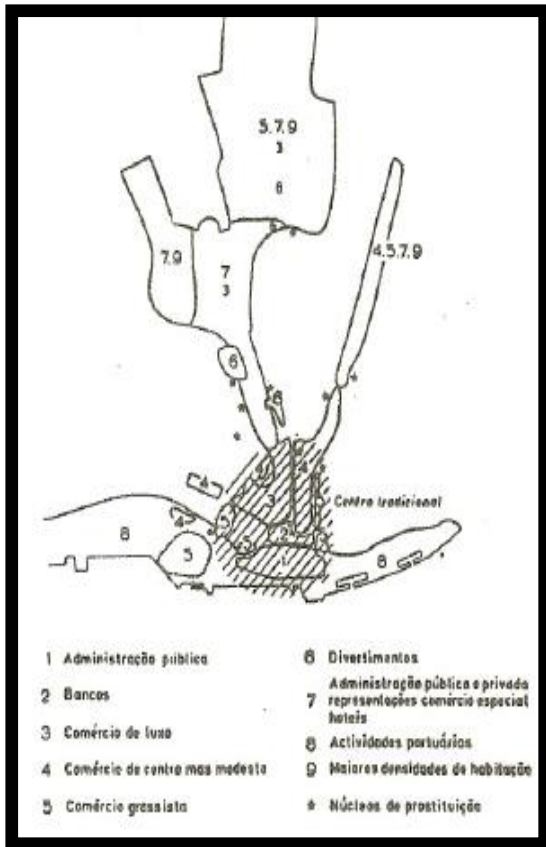
Onde está o Povo? _____ (será?). Acha que a Rosa é Clara? _____. Já agora comente a cor! _____
_____. Continue e veja se vê bem na _____. Ultrapasse os possíveis obstáculos e volte aos anos _____, na Loja de _____
_____. Entre bancos e pastelarias, encontre o diferente, na tradicional _____, que se bebia ao fim do dia de trabalho.... Passando de tasca em tasca. E que se vende no que vem de Espanha e foi buscar o nome ao outro lado da Mancha? _____. Por acaso, já tinha referenciado mais destas que nos levam ao Mundo, mas por um preço, Claro! Se sim, tente enumerá-las _____

Continue nos ímpares, passando pela Glória e o Foz, até à _____ do _____ (Kane?! – o filme não estreou lá, mas nunca se sabe. E já se chamou Paraíso – mas quando este estreou, já o antigo tinha mudado de funções). Afinal, como era o nome? _____. O edifício também Já foi do senhor que nos quer levar em turismo ao espaço, _____ e atribuído ao arquiteto Cassiano Branco, mas que afinal desistiu deste projecto. Beba um no _____ (que não é das Caraíbas) ou aprecie a esplanada do lounge _____.

Contando com o Sofitel, e olhando para ambos os lados da Avenida, pode voltar a enumerar os locais onde os psicocêntricos se instalam. Há para todos os gostos e bolsas. Faça não o “Check-in” mas a sua “Check-list”. _____

Dê a volta, pelo lado Sul, ao “Passeio” que até ao Sec. XIX era _____ e apesar do nome, era rodeado por muros e portões por onde só passavam os membros da alta sociedade. Mas Porém, em 1821, o rei _____ ordenou que os muros fossem derrubados para que toda a gente, rica ou pobre, pudesse circular pelo Passeio.

Caminhe para Norte até ao local onde o Antigo Conde(s) agora bate Hard. Já tem a T-Shirt para levar de prenda ao adolescente da família? Mas antes reparou no cartaz pendente no edifício que nos leva as missivas até casa? O que diz? _____.



Poderá ainda seguir pela pequena rua até ao Antão, o Santo, e ir jantar na Sociedade que mais afinidade tem consigo, a _____.

Ao longo do percurso, falámos de vários Valmor. Será que elaborou a lista de todos os que existem na Avenida? Não? Então faça-o virtualmente, como trabalho de casa!

Aproveite o espaço para escrever a sua reflexão sobre as mudanças que observou em relação aos anos 70 do século passado, quando esta planta foi feita .

A avenida foi construída entre 1879-1882 e projetada ao estilo dos Campos mais Famosos da cidade Luz, os _____ permitindo a expansão da cidade para Norte.

FORMAÇÃO



Algumas indicações importantes

- 1 – O XXV Encontro Nacional de Professores de Geografia funciona também como Acção de Formação como o nome oficial de **07/2012 “Educação Geográfica, da Escola à Sociedade”** com o registo de acreditação nº **CCPFC/ACC-** e com a atribuição de **0,6 créditos**. Neste caso é obrigatória a assinatura de folhas de presença, de acordo com os normativos em vigor. A não assinatura implica a marcação de falta ao fim do período respectivo (manhã/tarde).
- 2 - Só assinam folha de presença, os participantes cujo nome conste da lista de formandos.
- 3 - Os participantes em Formação Contínua devem cumprir um mínimo de 2/3 das horas previstas (pelo que não podem faltar mais de 8 horas)
Conforme estipulado no art.º 13.º, alínea 2 do Decreto-lei 207/96, de 02 de Novembro.
- 4 - O trabalho final de avaliação é individual e deverá obedecer aos requisitos constantes do verso. O cumprimento do prazo de entrega é fundamental para que todo o processo possa ser concluído atempadamente.
- 5 - Critérios de Avaliação
 - Participação nas sessões;
 - Elaboração de relatório crítico individual, segundo parâmetros a fornecer aos participantes Ou Elaboração de uma recensão crítica sobre um dos assuntos tratados durante os Trabalhos. A avaliação final terá em conta a assiduidade (peso1) e a classificação obtida no relatório (peso 2)
 - A classificação quantitativa, traduz-se numa escala de 1 a 10.
 A avaliação final terá uma menção qualitativa (Insuficiente; Regular, Bom, Muito Bom e Excelente) e o valor final da classificação quantitativa
- 5.1 - De acordo com a lei em vigor as faltas não podem exceder 1/3 do número de horas presenciais de cada acção. Deste modo o peso das faltas na classificação será o seguinte:

Horas de Falta (15h presenciais)	Valor (Escala de 1 a 10)
Sem Faltas	10
30m – 2.00h	9
2.30h– 4.00h	8
4.30h – 5.00h	7
+ 5h00	Reprova

- 6 - O certificado de frequência com aproveitamento, caso a ele haja direito, será emitido após o encerramento de todo o processo e enviado directamente para a morada indicada na ficha de inscrição ou outra a indicar para esse fim.
- 7 - A Acção de Formação é da responsabilidade do Centro de Formação da Associação de Professores de Geografia “Professor Orlando Ribeiro”. Só serão consideradas as inscrições, com a ficha de inscrição devidamente preenchida à qual se juntará uma **fotocópia do Bilhete de Identidade**

(Por Favor, leia com atenção)

A - Relatório Crítico

Parâmetros de elaboração

- 1 – Introdução (aspectos teóricos acerca da importância deste tema para a valorização pessoal e/ou profissional)
- 2 – Razão da inscrição / expectativas
- 3 – Descrição das actividades em que participou (Data, Local e Temas abordados)
- 4 – Metodologia(s) seguida(s) e sua adequação (Sessões plenárias; Visitas de estudo Mesa(s) redonda(s), Trabalho em grupo , Oficinas de trabalho (workshops)
- 5 – Materiais de apoio / documentação
- 6 – Satisfação das expectativas
- 7 – Sugestões para próximas realizações
- 8 – Conclusão / apreciação global

B - Parâmetros do “Paper”- recensão crítica

Introdução (razões da escolha do tema)
Enquadramento Teórico
Análise metodológica sobre o tema
Validação científica baseada nos autores que estudaram o tema
Conclusões
Bibliografia

Relatório com 6 a 10 páginas de texto (8 a 15 mil caracteres, podendo conter anexos ou fotografias) em suporte informático a enviar para o Centro de Formação da Associação de Professores de Geografia, cfpor@netcabo.pt no prazo máximo de 30 dias, sem o que não poderá ser passado o Certificado de Creditação.

Poderá ainda enviar o relatório como trabalho na página do Centro de Formação na plataforma Moodle da APG (portal de formação - http://www.aprofgeo.org/moodle_cfpor/course/view.php?id=19 ou XXVI Encontro Nacional de Professores de Geografia - http://www.aprofgeo.org/moodle_cfpor/mod/assignment/view.php?id=644 (Tópico 2- Relatório ação de Formação e fichas,)

A Directora do Centro de Formação



(Maria Helena Magro)

Comissão Organizadora

Ana Cristina Câmara
Emilia Sande Lemos
Isabel Pinto Ginjeira
Maria Helena Magro
Miguel Inêz Soares
Telma Alexandra Canavilhas
Vitória Albuquerque

Secretariado

João Paulo Albuquerque
Kátia K. Tavares Semedo
Kátia L. S. M.s dos Santos
Maria José Dias Correia
Maria Lizete P. dos Santos
Maria Manuela S. Domingues



Casa Pia
Lisboa



Câmara Municipal
Lisboa



COLOMBO



PLÁTANO EDITORA

